



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **A PRESENÇA DOS ESTUDANTES AFRICANOS NA UFCG: INTEGRAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO ACADÊMICA**

Giulliany Gonçalves Feitosa; Pedro de Oliveira Filho; Luciana de Sousa Lima Soares

*Universidade Federal de Campina Grande*

giullianyg@hotmail.com

**Resumo:** A presente pesquisa partiu do seguinte contexto: a presença de universitários africanos que vem ao Brasil para complementarem seus estudos a nível superior através do Programa Estudante Convênio de Graduação (PEC-G). Trata-se do recorte de uma pesquisa de iniciação científica que foi iniciada em agosto de 2014 e foi concluída em julho de 2015. Tem por objetivo analisar como se desenvolve a socialização acadêmica dos estudantes africanos vinculados ao Programa Estudante Convênio de Graduação (PEC-G) no campus Campina Grande da Universidade Federal de Campina Grande. É uma pesquisa qualitativa que utiliza como instrumentos de coleta de dados a observação participante e a entrevista semiestruturada. Para o processo de análise, foi utilizada a técnica de análise de discurso. Atualmente, na UFCG estão matriculados 20 estudantes vinculados ao PEC-G, destes, 18 são de países africanos, dentre estes, a maioria de estudantes é de Cabo Verde. A análise do material, resultante da observação participante e das entrevistas narrativas com esses estudantes, mostrou que há a um distanciamento entre africanos e brasileiros dentro da universidade, fruto não só do preconceito, como também da falta de apoio da Universidade Federal de Campina Grande na socialização desses estudantes. A falta de apoio da Universidade influencia diretamente na adaptação e permanência dos alunos africanos no Brasil, por isso é importante a implementação de políticas de socialização dentro da universidade para melhor desenvolvimento acadêmico dos estudantes.

### **INTRODUÇÃO**

Nos últimos anos as Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras tiveram um aumento considerável nas matrículas (QUEIROZ, 2004; CARVALHO, 2005). Tal mudança permitiu que o ensino superior deixasse de ser privilégio de poucos e passasse a ser acessível a outros grupos sociais que antes estavam à margem desse contexto educacional. Ou seja, a



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

universidade destinada à elite brasileira abriu suas portas para pessoas economicamente desfavorecidas e socialmente excluídas.

Nesse sentido, presenciamos nas universidades brasileiras um número expressivo de africanos que vem ao Brasil para fazer graduação e pós-graduação. Esses estudantes, em sua maioria, vêm por meio de acordos educacionais estabelecidos entre o nosso país e aquele continente. Verificamos, portanto, que “nas últimas décadas do século XX, África e Brasil ampliaram acordos de cooperação bilateral propiciando um fluxo constante de pessoas com interesses diferentes. (TCHAM, 2012 p.19).

A vinda desses estudantes é facilitada pelo Programa Estudante Convênio de Graduação (PEC-G) e Pós-Graduação (PEC-PG). Estes têm como objetivo principal “formar recursos humanos oriundos de países em desenvolvimento os quais celebraram acordos educacionais ou culturais para que jovens possam realizar estudos nas universidades brasileiras participantes do programa de cooperação educativa” (id ibid, p.123).

De acordo com os critérios estabelecidos pelo governo federal brasileiro, o processo de entrada no programa começa com a disponibilidade de vagas pelas IES participantes e contatos entre os ministérios responsáveis nos dois países. Após atender a todos os critérios estabelecidos na seleção dos candidatos, o aluno proveniente de outro país deverá iniciar a graduação escolhida na cidade destinada.

Nessas condições, muitos africanos devem permanecer no Brasil, por pelo menos o tempo de duração do curso de graduação escolhido. Nesse ínterim, devem aprender a língua (quando não tem o português como língua nativa), lidar com as demandas de outra cultura e ter que se integrar ao sistema educacional do nosso país, entre outros enfrentamentos.

Várias universidades brasileiras já aderiram aos programas, destinando uma quantidade específica de vagas em diferentes cursos a esse público, inclusive a Universidade Federal de Campina Grande. Todavia, a garantia e ampliação do acesso não garantem por si sós que essas instituições estejam preparadas para promover a integração acadêmica de estudantes de diferentes contextos sociais e culturais (SUBUHANA, 2005; TCHAM, 2012).

Algumas pesquisas desenvolvidas por africanos em pós-graduações strictu sensu realizadas em universidades brasileiras (SUBUHAMA, 2005; TCHAM, 2012; NHAGA,



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

2013) apresentam as experiências vivenciadas por seus conterrâneos que vem ao país através do PEC-G, destacando em suas análises a dificuldade de alguns africanos na integração acadêmica e os desafios enfrentados no Brasil no tocante à discriminação racial, apoio acadêmico, dentre vários outros aspectos.

Neste trabalho buscamos analisar como os estudantes africanos vinculados ao PEC- G sentem e significam o apoio da Universidade Federal de Campina Grande à sua socialização e desenvolvimento acadêmico.

### **MÉTODO**

A natureza de nossa pesquisa é qualitativa tendo como parâmetro Flick (2004), Minayo (2000), Goldenberg (2004). Nesse contexto, a abordagem qualitativa parte do princípio de que há uma relação dinâmica e indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade. Três procedimentos metodológicos foram utilizados.

Busca de informações junto ao órgão responsável pela matrícula desses discentes para identificar quantos estavam matriculados, suas nacionalidades, o curso que frequentam e outros dados que possam ser úteis para termos um perfil desses estudantes.

Observação participante por meio da qual nos aproximamos dos espaços frequentados pelos estudantes africanos e brasileiros e a partir daí percebemos como essas interações acontecem. Acreditamos que “através das observações podemos reconstruir as maneiras como as formas simbólicas são interpretadas e compreendidas nos vários contextos da vida social” (THOMPSON, 2007, p.363-364). Além disso, “através da observação participante é possível chegar a percepções de comportamento que as pessoas não verbalizam com facilidade e os dados que se obtêm podem se centrar melhor nas relações e em seu contexto do que em indivíduos abstratos” (HANNERZ, 1980, p. 343 apud SUBUHANA, 2009, p.113).

Entrevistas narrativas que possibilitaram compreender como cada participante constrói discursivamente a sua relação com a UFCG e o seu processo de socialização nessa universidade.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Para o processo de análise, utilizamos a técnica de análise de discurso (GILL, 2002; ANTAKI et al, 2003). Nessa abordagem se dá uma atenção especial aos aspectos funcionais da linguagem, àquilo que se faz quando usamos a linguagem. Nela discurso é compreendido como uma forma de ação com os mais diferentes efeitos.

Todo o estudo obedeceu às determinações éticas previstas na Resolução nº 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que se referem às questões éticas em pesquisas que envolvem seres humanos.

### **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), foi recolhido junto à Pró-Reitoria de Ensino, órgão responsável pelo PEC-G, a lista com os nomes de todos os estudantes vinculados ao referido programa, que estão matriculados na UFCG. Atualmente, na referida instituição, há 20 estudantes, 8 mulheres e 12 homens, vinculados ao PEC-G, destes, 18 são de países africanos, sendo a maioria de Cabo Verde. Porém, nem todos os estudantes matriculados encontram-se no campus Campina Grande, 2 deles estudam em Sumé, 3 em Sousa e 1 em Cuité. Com isso, nosso número de entrevistados se reduziu, já que a presente pesquisa tem foco em estudantes matriculados no campus central da universidade.

A observação participante foi realizada durante seis meses dentro da universidade, onde foi possível ver de perto os espaços ocupados pelos africanos e sua interação com os estudantes brasileiros. Durante o primeiro mês, ficamos de longe realizando as observações, de modo que os estudantes africanos ainda não sabiam do nosso propósito de pesquisa, logo aparentemente não perceberam o processo de observação. Em seguida nos aproximamos de um deles e logo conseguimos nos aproximar dos outros por intermédio desse primeiro contato.

Os acontecimentos observados com os estudantes não se modificaram após termos nos



aproximado mais. Com isso ficamos mais presentes na dinâmica do grupo, observando o processo de socialização, já que algumas vezes almoçávamos juntos e permanecíamos algumas horas com eles conversando antes, durante e depois do almoço ou jantar na universidade.

Ao longo da observação, foi possível verificar que os africanos andam em grupo ou sozinhos. Durante o intervalo das aulas e principalmente no horário do almoço, eles se reúnem em dois pontos específicos do campus, no setor de humanidades: em frente ao Restaurante Universitário (R.U.) ou em uma praça, pouco depois da entrada principal do campus. Outro fato perceptível foi o distanciamento entre brasileiros e africanos, já que não há uma interação constante entre os grupos dentro do campus, prova disso são os grupos de africanos que se isolam em pontos estratégicos, como se fossem territórios marcados. Um dos africanos que está há mais tempo na UFCG, durante uma conversa, falou que, às vezes, alguns brasileiros estão sentados nos bancos da praça e quando os africanos se aproximam vão embora.

Dentro do Restaurante Universitário também foi possível perceber esse distanciamento, já que os estudantes africanos almoçam todos juntos, ou então, quando não estão em grupo, almoçam sozinhos. Em uma das observações foi possível perceber um estudante africano almoçando numa mesa repleta de brasileiros, porém não houve nenhuma interação entre o estudante em questão e os demais.

Na segunda etapa da pesquisa, foram realizadas entrevistas narrativas com 8 dos 12 estudantes presentes na lista do PEC-G no início da pesquisa. As entrevistas foram gravadas e transcritas, e a partir do material coletado foi possível verificar como os estudantes se auto representam e como representam os brasileiros, além de pesquisar se a UFCG cumpre o papel de acolher e integrar esses estudantes africanos.

Durante as entrevistas foi abordada a temática do apoio da UFCG na socialização acadêmica dos africanos. Foi unânime a resposta de que a universidade não lhes dá apoio na sua chegada ao Brasil, quem faz esse papel são os demais africanos que estão há mais tempo



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

no Brasil. É o que se pode perceber na fala do entrevistado 1, que afirma que da universidade só recebeu a vaga para estudar, nada mais:

*“Na verdade, não [sobre o apoio da universidade]. E também cheguei no dia exato do início das aulas e, assim, quem me ajudou, na verdade, foi Zaki (amigo). Assim, a universidade, eu tenho que agradecer pela oportunidade de estudar aqui. Mas assim... ajuda em outros sentidos, não.” (ENTREVISTADO 1)*

A fala da Entrevistada 6 reforça a questão de também só ter recebido a vaga para estudar, sem nenhum outro tipo de auxílio. Ela ainda afirma que outras universidades oferecem auxílio para os africanos, diferentemente da UFCG:

*[A universidade apoiou sua socialização acadêmica? ] “não, não, não, não, não... talvez, além deles terem me deixado ingressar na faculdade, além disso, nada mais. A faculdade não dá... tem outras faculdades que dão esse apoio, por exemplo, tem alunos, colegas da gente, que ele estuda, por exemplo, na UNICAMP, em Santa Catarina, em outras faculdades, até aqui em João Pessoa, que recebe um auxílio moradia e alimentação, além de comer no Restaurante Universitário, eles têm esse apoio, que é 500 reais, moradia e alimentação, uma bolsa de moradia [...] agora aqui não dá, UFCG não disponibiliza nada. A gente nunca teve nenhum encontro, que eu saiba, desde que tô aqui em 2012, nenhum encontro com a coordenadora do convenio, nem se sabe de ninguém, reitor, pró-reitor, eles nem sabem que a gente existe nessa faculdade” (Entrevistada 6)*

O excesso de “nãos” diz muito sobre a percepção que a entrevistada tem diante do apoio acadêmico. Para concretizar o argumento segundo o qual a UFCG não apoia os estudantes, ela contrasta o apoio supostamente recebido pelos africanos em outras universidade com a falta de apoio da UFCG e o fato de que, desde 2012, nunca se encontrou com a coordenadora do convênio nem demais representantes da universidade, pessoas estas que são os responsáveis pelos estudantes africanos dentro da instituição de ensino, logo deveriam exercer o papel de apoio na socialização e permanência desse grupo na UFCG. A expressão “eles nem sabem que a gente existe nessa faculdade” apresenta os estudantes africanos como pessoas ignoradas pela universidade.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Ao invés dos representantes da universidade e do PEC-G auxiliarem os recém-chegados, os africanos que estão a mais tempo no Brasil são quem contribuem para a chegada dos novos estudantes, mesmo sem conhece-los antes, se unem para lhes apresentar à universidade e às pessoas. Os veteranos que fazem o papel de agentes de socialização dos novatos, auxiliando-os com suas mais diversas dificuldades. O entrevistado 3 fala da importância dos amigos na sua socialização dentro da universidade:

*“Olha, eu não diria isso assim, sabe... eu não diria isso [que a universidade apoiou]. Acho que essa parte toda da adaptação e da socialização com meus parceiros e amigos aqui foi, tipo, algo que partiu de mim e que partiu... você conheceu os outros caras africanos aqui, eles são super acolhedores. Então, eu já me sentia muito só por ser o único angolano, e quando eu conheci esses moços de outros países eu fui me agregando a eles, e eles de braços abertos... eles recebem todo mundo, todos os estrangeiros, aí... eu diria que a universidade não faz muito em relação a isso, ou nada em relação a isso, sabe? Então acho que a universidade não se preocupa muito com quem você é, qual o grupo que vai receber você, com quem você vai conversar, quem vai mostrar as primeiras coisas para você quando você chegar, quando você é novato. Pelo menos comigo não foi assim.”(ENTREVISTADO 3)*

Sobre o apoio da universidade, o entrevistado 3 repete duas vezes que “não diria isso”, já que, segundo ele, foram os “parceiros e amigos” que ajudaram na adaptação e socialização. Posteriormente, ele ressalta novamente que a universidade “não faz muito” ou “não faz nada” em relação ao apoio acadêmico. Ele encerra sua fala afirmando que “a universidade não se preocupa muito com quem você é”, afirmando isso de forma geral e depois pontuando que com ele não foi assim.

Sobre a recepção dos estudantes africanos pelos estudantes africanos veteranos, Nagha (2013) afirma que um estudante africano ao chegar no Brasil, é acolhido dentro da universidade pela comunidade de estudantes africanos que nela se encontra, são os veteranos que auxiliam os novatos na adaptação, inclusive nos primeiros momentos para a resolução de problemas iniciais, como entrega de documentos e cadastro na universidade. Essa primeira



experiência acadêmica é crucial, pois a partir dela, alguns estudantes podem permanecer ou desistir do curso antes mesmo de inicia-lo (NAGHA, 2013)

Os estudantes entrevistados ressaltam de diferentes maneiras o descaso da universidade, mas também ressaltam recorrentemente a acolhida dos estudantes veteranos e o papel que isso teve na socialização de todos eles.

*“eu peguei o jeito de todo mundo, agora quando vejo que chega um aluno novo de outro país eu junto com a galera e eu recebo do jeito que fui recebido, sabe? Juntar o grupo e fazer com que a pessoa se sinta a vontade. Isso é mais coisa dos alunos e não algo assim, da universidade. A universidade pouco faz em relação a isso.”*  
(ENTREVISTADO 3)

O entrevistado fala do seu jeito como herança do jeito dos outros colegas, afirmando que a sua identidade enquanto estudante no Brasil foi moldada pelas práticas dos outros estudantes africanos que o receberam. Agora ele também repete o ritual de receber os alunos novatos da mesma forma como foi recebido.

O papel da Universidade deve ser de acolher os estudantes e contribuir para a sua permanência. A Universidade Estadual da Paraíba, por exemplo, promove eventos de socialização entre estudantes de outros países e da comunidade local. É o caso dos estudantes do Timor Leste, que comemoram a independência do país em eventos organizados pela universidade, que promove a socialização e a promoção de conhecimento acerca da cultura desses estrangeiros que chegam para estudar no Brasil.<sup>1</sup> Com isso, os brasileiros aprendem sobre a cultura do país, desmistificando as ideias iniciais que possuem sobre determinado povo, e tem um espaço especial para conhecer e interagir com os estudantes que chegam.

Porém, de acordo com as entrevistas, a Universidade Federal de Campina Grande não oferece esse apoio, de pessoal para auxiliar com adaptação e socialização ou ajuda financeira, nem na chegada nem durante a graduação dos estudantes, já que estes são amparados exclusivamente pelos conterrâneos que se encontram no Brasil, e diante das dificuldades só recorrem à família e aos amigos. Esses dados dialogam com a observação participante, já que

---

<sup>1</sup><http://www.uepb.edu.br/uepb-celebra-atividades-que-marcam-os-11-anos-de-restauracao-da-independencia-do-timor-leste/>



o distanciamento entre brasileiros e africanos, para além do preconceito que existe, se dá também pela falta de apoio da universidade.

Essa falta de investimento da UFCG no processo de socialização dos estudantes africanos interfere diretamente na sua chegada e permanência no Brasil e pode ser decisivo nas escolhas e no futuro desses jovens, que atravessam sozinhos o atlântico para estudar em terras brasileiras, e em busca da realização de seus sonhos tem que enfrentar dificuldades que poderiam ser amenizadas se a Universidade os apoiasse.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do fluxo de migração de estudantes ao longo do mundo, o Brasil tem representado um destino desejado entre os demais países que oferecem bolsas de estudo, em especial para os PALOP's. O PEC-G proporciona a jovens de inúmeros países a possibilidade de concretização do desejo de ter uma formação superior e complementar, nas mais diversas áreas de saberes.

Neste trabalho focalizamos o modo como estudantes africanos vinculados ao PEC-G significam seu processo de socialização na UFCG. De acordo com os resultados deste trabalho, a falta de apoio não só da universidade, como também dos brasileiros é significativa na sua experiência de estar no Brasil e ser um estudante africano em terras brasileiras. Esses fatores contribuem diretamente para o desenvolvimento pessoal e profissional dos jovens que aqui chegam em busca de estudar, podendo ser catalizadores da sua desistência ou falta de interesse pelo curso e pelo estabelecimento de laços sociais.

A estadia dos estudantes no Brasil e o que eles deixarão e levarão para seus países é um fator importante a ser pensado. É preciso que a universidade invista no potencial dos estudantes, buscando quebrar tabus sobre o preconceito, trabalhando para o seu bem-estar e desenvolvimento pessoal e profissional.



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Acreditamos que habitar locais que evoquem elementos da cultura de origem, aproximando brasileiros e africanos através de atividades culturais, por exemplo, podem colaborar no processo de interação entre universitários e podem ajudar também a romper com estereótipos negativos relacionados ao africano. Dessa forma, não só os brasileiros ganham com o aprendizado, socialização e a desmistificação dos estudantes africanos, como estes também ganham, caminhando para um dia construírem um discurso onde possam falar da sua permanência no Brasil como uma experiência enriquecedora.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTAKI, C. et al. El análisis del discurso implica analizar: crítica de seis atajos analíticos. In: **Athenea Digital**, nº 3, 2003, p. 14-35.

CARVALHO, J. J. **Inclusão étnica e racial no Brasil**: a questão das cotas no Ensino Superior. São Paulo: Attar Editorial, 2005.

DESIDÉRIO, E. J. Imigração Internacional com fins de estudo: o caso dos estudantes africanos do Programa Estudante Convênio de Graduação em três universidades públicas do Rio de Janeiro. **Dissertação** (Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais). Escola Nacional de Ciências Estatísticas, IBGE. Rio de Janeiro, 2006.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

GILL, R. Análise de discurso. In: BAUER, M. W. & GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático, 7<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GUSMÃO, M. N. Dossiê: ensino superior e circulação internacional de estudantes: os palop no Brasil e em Portugal; **Pro-Posições** vol. 20 no.1 Campinas jan/abr. 2009

MARTINELLI M. O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em serviço social. In: Martinelli M, organizadora. **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras; 1999. p. 11-30.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MUNGOI, D. M. D. C. João. **“O mito atlântico”**: relatando experiências singulares de mobilidade de estudantes africanos em Porto Alegre no jogo de construção de suas identidades étnicas, **dissertação de Mestrado em Antropologia Social**. Porto Alegre. UFRGS, 2006. Disponível em: [www.lume.ufrgs.br/handle/10183/8028](http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/8028). Acessado em dezembro de 2012.

NHAGA, N. Fluxos migratórios dos estudantes africanos para o Brasil: sistema de integração de estudantes africanos nas universidades públicas do nordeste (UFCG, UFPB e UFPE). **Dissertação** (Mestrado em Pós-Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal de Campina Grande, 2013.

NOGUEIRA C, FIDALGO L. Análise do discurso: a tarefa e o poder das palavras. **Avaliação Psicológica: Formas e Contextos** 1995; 3:181-188.

QUEIROZ, D.M. **Universidade e desigualdade**: brancos e negros no ensino superior. Brasília: Líber livro editora, 2004

SANTOS, S. A. dos. **Ações Afirmativas e combate ao racismo nas Américas** / Sales Augusto dos Santos (Organizador). – Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2005.

SUBUHANA, C. Estudar no Brasil: imigração temporária de estudantes moçambicanos do Rio de Janeiro. **Tese** (Doutorado em Serviço Social). Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

TCHAM, I. A África fora de casa: sociabilidade, trânsito e conexões entre os estudantes africanos no Brasil. **Dissertação** (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco, 2012.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.